

Sob a vigilância do tempo: afunde ou nade¹

Emmerson Aguilar²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Resumo

Este artigo propõe reflexões sobre a experiência do tempo como um agente de vigilância na sociedade moderna. Discute, assim, uma nova percepção do tempo como consequência das novas tecnologias das Ciências da Comunicação e a relação destas com as demandas capitalistas da sociedade moderna. Apresenta o tempo como o guardião do ritmo da sociedade, influenciando diretamente as práticas sociais, tendo como consequência um ambiente marcado por uma cultura da pressa e pela velocidade. Por tratar de normas e da definição das regras para o entendimento do signo, apontando para uma direção a ser seguida, este artigo estabelece um diálogo com o conceito de terceiridade e de legi-signo da clássica tríade de Charles Sanders Peirce. A fundamentação teórica deste artigo também traz o pensamento de Norval Baitello Junior, Todd Gitlin, Muniz Sodré, David Harvey e Stephen Bertman.

Palavras-chave:

Vigilância. Tempo. Cultura da pressa. Tecnologias.

Abstact

This article proposes a critical thinking about the experience of time as a vigilance agent in modern society. Thus, it discusses a new perception of time as a consequence of the new Communication Sciences technologies and the relation between them and the capitalist demands. It presents time as a guardian of the society rhythm, influencing directly its social practices, showing, as a consequence, an environment marked by rush culture and velocity.

¹ Artigo desenvolvido para o IV Colóquio Semiótica das Mídias que é parte da programação do Pentálogo VI do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação – CISECO, realizado em Japaratinga-AL, nos dias 03 a 06 de novembro de 2015.

² Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Alagoas, especialista em Comunicação Empresarial pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC e mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia – PPgEM da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professor dos cursos de Publicidade e Design Gráfico da Faculdade Maurício de Nassau em Maceió-AL. emmersonaguilar@hotmail.com.

Due to the standards and the rules definitions for the sign understanding, pointing to a direction to be followed, this article establishes a dialogue with the concept of thirdness created by Charles Sanders Peirce. The theoretical basis of this article also brings the thoughts of Norval Baitello Junior, Todd Gitlin, Muniz Sodré, David Harvey and Stephen Bertman.

Keywords:

Vigilance. Time. Rush culture. Technologies.

1. Introdução

Tempo. O interesse por sua compreensão nos remete a períodos antigos. Definitivamente esse não é um objeto sobre o qual se debruçam apenas as ciências contemporâneas. No passado, a busca para entender os seus ciclos, fazia as pessoas se dedicarem à observação dos astros e ao desenvolvimento de tecnologias simples, como o relógio do sol, para a compreensão da evolução do seu ritmo.

A literatura também ilustra o fascínio do tempo sobre a humanidade. A obra do matemático inglês Lewis Carroll, *Alice's adventures in wonderland*, publicada em 1865, é um clássico exemplo. Ali encontramos o Coelho Branco movendo-se rapidamente diante das horas do seu relógio de bolso: “*Oh, dear! Oh, dear! I shall be too late!*” (CARROLL, 1987, p.3) e também o Chapeleiro, no capítulo 7, preso à rotina dos ponteiros que sempre marcariam para ele, devido a uma sentença proferida pela Rainha de Copas, a hora do chá.

Das aventuras de Lewis Carroll às páginas que retratam a cidade de Nova Iorque em 1923: “as pessoas estão sempre com pressa” (HOPKINS, 1981, p.45), escrevia Claude Hopkins em seu livro *A ciência da propaganda*. Ou ainda, às páginas da revista brasileira *O Malho*, que publicou em sua edição de número 83 a citação: “[...] certo que a ninguém é dado conter este terrível devorador de tudo” (*O Malho* nº 83, 1935, p.3). Da ficção à realidade, a influência do tempo deixa seus registros.

O ano da publicação da citação acima é o de 1935. E, a despeito dos oitenta anos que passaram, o tempo, ou a falta dele, continua a ser um tema recorrente nas conversas do dia-a-dia. Afinal, como ficar alheio ao cumprimento das atividades determinadas pelas horas desse incansável guardião da sociedade? A voz de Eno Theodoro Wanke, poeta brasileiro, apresenta

assertivamente uma noção da abrangência desse controle ao dizer que “antes de os relógios existirem, todos tinham tempo; hoje todos temos relógios”³.

2. Amante do âmbar⁴: a escalada da aceleração

Vivemos na era da comunicação digital. Porém, antes de discutirmos essa questão, é importante observarmos o desenvolvimento de algumas tecnologias que, gradativamente, contribuíram para a construção deste mundo contemporâneo marcado pela rígida observação do tempo. Assim, acreditamos que o advento do vapor mereça o posto inicial desta reflexão.

De cavalos, literalmente falando, a cavalos de potência. A utilização do vapor, embora remonte a períodos bem mais antigos, introduz nos séculos XVIII e XIX uma nova compreensão para o que era até então conhecido como velocidade. Nas palavras proferidas em 1826 pelo poeta Samuel Taylor Coleridge, encontramos o fascínio e também um exemplo do poder imperativo e do nível de controle que esse encantamento passou a produzir na sociedade daquela época:

Avante! Vapor ou Gás, ou Carruagem
Mantenha a Cabine, pequena gaiola dirigível –
Passeio, Jornada, Viagem, Ócio, Corrida, Caminho,
Planar, Projetar, Excursionar, Papear na Viagem –
Mover-se, você deve! Esse é o desejo de hoje,
Lei e moda atual (COLERIDGE, 1826 apud BRIGGS, 2006, p.112).

Esse “desejo de hoje” vem reforçado na voz de um personagem do livro *The mill on the Floss*, de George Eliot, publicado pela primeira vez em 1860: “o mundo marcha em um ritmo mais acelerado do que quando eu era jovem. ...É esse vapor que você vê” (ELIOT, 1826 apud BRIGGS, 2006, p.112).

Mover-se! Diante de tal ordem, a força do vapor chegaria a um limite que necessitaria ser superado. E, claro, isso não tardou. Os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX atenderam prontamente a essa demanda, e os seus dias presenciaram a larga expansão da utilização da eletricidade como força motriz para a indústria e também para as

³ Disponível no site <http://quemdisse.com.br/>. Acesso em 27 set.2015.

⁴ Termo utilizado nas primeiras experiências com a eletricidade.

residências. Aby Warburg, em 1896, registra através de uma fotografia da cidade de San Francisco, o domínio do homem sobre o raio, mérito dos fios de cobre dos postes que dominavam a cidade. Sobre esse instantâneo, Baitello Junior comenta:

O que Warburg notou não foi outra coisa senão os primórdios da onipresença dos meios elétricos e sua capilaridade. O que vislumbrou aí com seu olhar agudo foi o princípio da eletrificação do planeta, uma epopeia que transformou a vida humana e sua sociabilidade, encurtando distâncias, anulando espaços (às vezes mesmo ignorando e invadindo as demarcações territoriais) e acelerando os fluxos de temporalidade, impondo aos meios de comunicação o ritmo do raio (BAITELLO JUNIOR, 2010, pp.60-61).

Assim como na superação do carvão pelo vapor e a rápida passagem deste para a eletricidade, a escalada dos fluxos de temporalidade foi assinalando seu percurso através de registros na História: de um cenário ainda dominado pelos jornais impressos, livros e panfletos, o mundo assiste perplexo à chegada do homem à lua em 1902 pelas lentes de Georges Méliès⁵. No Brasil, saímos “Em busca da felicidade⁶” através das ondas da Rádio Nacional em 1941, e, em 1950 um paraibano⁷ deixa sua marca na história através de cinco aparelhos de televisão instalados no saguão dos Diários Associados em São Paulo. Na década de 90, a World Wide Web⁸ e a Internet revolucionam a comunicação global. Nunca antes na história, palavras como acessibilidade, mobilidade, instantaneidade e velocidade estiveram tão presentes e se tornaram tão imprescindíveis na rotina do homem moderno. Mover-se! *On line*, claro.

Em junho de 2008, a revista *Época* lança uma edição especial sobre tecnologia. Na capa, encontramos a seguinte chamada “Como o *iPhone* e os novos celulares vão transformar o nosso dia-a-dia” (*Época* n° 528, 2008). O título apresenta sintonia com a contemporaneidade. Porém, o tempo verbal empregado merece uma ressalva: “vão transformar”, uma ação no futuro, perde sentido em uma sociedade do agora, do curto prazo,

⁵ Em 1902 o francês Marie Georges Jean Méliès produziu o filme *Le voyage dans la lune*, uma revolução na história da cinematografia pelas técnicas inovadoras utilizadas na época.

⁶ Em busca da felicidade foi uma radionovela campeã de audiência transmitida pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1941.

⁷ Trata-se de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou, simplesmente, Chatô. Foi o responsável pelas primeiras transmissões da televisão brasileira.

⁸ *World Wide Web*, *www* ou, ainda, *web*, é uma rede mundial de arquivos em hipermídia que estão interligados e que utilizam a Internet para sua execução.

da ênfase no presente. Reflexo da fase atual do capitalismo, cuja condição para sua manutenção é a criação de novas demandas e desejos pelo novo, pelo mais rápido, pelo móvel.

Na contemporaneidade, a experiência do tempo está associada à velocidade, à aceleração e à pressa. As chamadas publicitárias estão impregnadas destes conceitos: “6GB de internet: você podendo mais e pagando menos⁹”, ou ainda, “navegue muito mais com 4G da Vivo¹⁰”. Poder mais. Navegar mais. Falar mais. Essas chamadas são repetidas por diversas vezes no dia-a-dia das pessoas através de aparelhos de televisão, *smartphones* e *notebooks*. Estar com uma conexão de internet, ouvir e ser ouvido são premissas básicas durante as vinte e quatro horas do dia. As notícias chegam rapidamente de qualquer parte do globo, a competição tem proporções mundiais e novas ações e respostas são exigidas a cada minuto. Mais, sempre mais. A solução parece fácil para este mundo acelerado e surge através da voz da empresa Claro: “É você quem faz o agora¹¹”.

Imagem e eletricidade, de mãos dadas, vão ditar os preceitos do mundo, sua sociabilidade, sua memória e seus projetos, seus ritmos e tempos, seus territórios e espaços, sua capilaridade e sua potência (BAITELLO JUNIOR, 2010, p.73).

Em relação às pessoas, as novas tecnologias comunicacionais também produzem alterações. E é sobre isto que trataremos no próximo tópico deste artigo. O bombardeio de informações e das tendências, novas notícias a cada segundo, o risco de se tornar obsoleto, ultrapassado, desinformado, a manutenção do *status quo*, as vantagens que uma nova tecnologia pode oferecer em detrimento dos métodos ora utilizados, ou mesmo a dúvida diante do novo e a necessidade da urgência na tomada de decisões que equivalem a milhões. O imediatismo exige respostas e estas, nem sempre, são representantes naturais dos valores e da cultura de uma comunidade dita globalizada. O guardião “tempo” mantém seu ritmo e seu imperativo se mistura ao som do seu tic-tac: mova-se!

⁹ Site da empresa TIM. Disponível em < <http://www.tim.com.br/al/para-voce>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

¹⁰ Site da empresa de telefonia Vivo. Disponível em:<<http://www.vivo.com.br/portalweb/appmanager/env/web/#>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

¹¹ Slogan da empresa Claro. Disponível em: < <http://www.claro.com.br/>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

3. A ditadura dos ponteiros e a cultura da pressa

Charles Sanders Peirce, em uma das suas numerosas contribuições à Semiótica, classificou em apenas três as categorias fenomenológicas universais: primeiridade, secundidade e terceiridade. Segundo ele, a primeiridade “é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer” (PEIRCE, 1931-58 apud NOTH, 2008, p.63). Se seguirmos essa lógica e relacionarmos esse fenômeno primeiro a um segundo, gerando algum tipo de efeito, estaremos na categoria da secundidade. O último nível, o da terceiridade, segundo Peirce, é o que relaciona um fenômeno segundo a um terceiro: “é a categoria da mediação, do **hábito**, da memória, da continuidade, da síntese da comunicação, da representação, da semiose e dos signos” (PEIRCE, 1931-58 apud NOTH, 2008, p.64, grifo nosso).

Entre as várias associações e relações apresentadas por Peirce, gostaríamos de destacar uma, que associa a terceiridade aos legi-signos. Os legi-signos estão diretamente ligados às categorias dos hábitos, das regras ou das leis. Para nos ajudar na compreensão do raciocínio lógico da discussão aqui apresentada e nessa característica de regra ou de lei dos legi-signos, gostaríamos de apresentar dois exemplos citados por Savan, ou seja: “[as] leis e regularidades além daquelas da linguagem verbal [...] podem ser legi-signos [e as] regularidades de comportamentos individuais ou sociais, convenções e costumes são legi-signos” (SAVAN, 1976 apud SANTAELLA, 2000, p.102). É exatamente nesse conceito que gostaríamos de concentrar a atenção neste nível da discussão, por entendermos a presença de práticas sociais no mundo contemporâneo que mantêm um padrão de regularidade quando o assunto é a experiência do tempo.

Na voz de Caetano Veloso¹², nas torres das igrejas, repetido inúmeras vezes através dos telejornais, das onipresentes ondas do rádio e a primeira informação que surge ao ligarmos um *smartphone*: tempo. A rotina do homem é desenvolvida sob o seu ritmo e a sua vigilância em diferentes lugares e períodos históricos, mas, na contemporaneidade, o conceito de tempo adquiriu um outro nível de reflexão, de hábito, de lei e influência na sociedade.

Estamos no século do advento das transmissões via satélite e da velocidade das infovias. Estas novas tecnologias, iniciadas ainda no século XX, revolucionaram a relação do

¹² A frase faz referência à música “Oração ao Tempo”, do cantor brasileiro Caetano Veloso.

homem com o universo das imagens, dos sons e dos textos. Modificaram substancialmente a compreensão dos conceitos de velocidade e acessibilidade na produção e recepção de mensagens em todo o globo terrestre: “a partir do momento em que não faz mais diferença estar em algum lugar para ter, a todo o momento, acesso a serviços, pessoas ou informações, mudamos o jeito de nos relacionar com o espaço” (Época n° 528, p.117, 2008). Muniz Sodré também apresenta sua contribuição nesse assunto ao dizer que os meios e os hipermeios implicam “uma nova qualificação de vida, um bios virtual” (SODRÉ, 2002, p.11).

A questão dessa nova qualificação nos conduz a pensarmos na representação do conceito de tempo para a sociedade contemporânea. Para o senso comum, estaríamos tratando de um hábito que é visto como generalizado: “as pessoas estão sempre com pressa” (HOPKINS, 1981, p.45). Nas Ciências da Comunicação, essa concepção de aceleração do tempo também é discutida e aponta para a mesma direção, ou seja, para a simultaneidade e para a compressão do tempo e do espaço. Sobre isso nos esclarece David Harvey:

Pretendo indicar com essa expressão processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Uso a palavra ‘compressão’ por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós (HARVEY, 2010, p.219).

Stephen Bertman introduz um termo para denominar este cenário atual de esforço contínuo para estar sempre à frente, ou, no mínimo, ocupando o tempo com algo que o preencha de algum significado – sem necessidade da existência de uma relação direta com algum significado cultural, social ou econômico – a hipercultura. Ela é entendida como uma ação movida pela necessidade de estar em sintonia com o espírito deste tempo e não por consequência de uma reação. Em seu livro, publicado em 1998, ele nos explica que:

A hipercultura é uma cultura que facilmente se torna maçadora e que rapidamente aturde as pessoas, uma cultura em que o divertimento se transforma e deixa de ser um momento ocasional de distração de pessoas ou de grupos e passa a ser uma forma de vida, que ocupa todos os interstícios entre os períodos de trabalho. Esgotando rapidamente as reservas de energia, uma hipercultura exige constantemente ser abastecida. Recusando-se a adquirir horizontes, por ser uma atividade intensa em termos de tempo, ela anseia antes por ser injetada com doses de estímulo a curto prazo. Por que a hipercultura é uma sociedade constituída de “corpos atarefados”, numa ânsia frenética de acompanharem o passo, não só por razões de necessidade econômica, mas por motivo de preferência psicológica. O tempo –

desorganizado, desperdiçado – pesa fortemente sobre a sua cabeça. Ela pode exigir ser libertada de algumas tarefas específicas, mas preenche logo o vazio com mais atividade ainda (BERTMAN, 1998, p.181).

Verifica-se uma relação estreita e direta entre os processos que compõem a rotina do homem moderno com a pressa e a velocidade, mérito de uma sequência de exigências políticas e econômicas, das conseqüentes alterações da vida em sociedade e de uma semiose que transforma o signo “tempo”, sujeitando-o a ditadura do “agora”.

4. Afunde ou nade

Um dos primeiros conhecimentos que um aluno recebe ao iniciar sua jornada nas Ciências da Comunicação é o conceito de ruído. Apenas resgatando, ele é entendido como qualquer nível de perturbação que possa prejudicar o processo comunicacional, desde o seu início, como uma ideia e sua posterior tradução em signos, até a sua perfeita assimilação, conduzindo a uma ação.

Acreditamos, porém, que atualmente precisamos acrescentar algumas novas condições e novos conceitos para o entendimento dos ruídos. Isso seria completamente impraticável em um passado não muito distante. Como estar *off-line*, por exemplo. As demandas geradas por essa nova representação do tempo – esse guardião do ritmo da sociedade atual – não admitem interrupções, diferenciações entre dias e noites, períodos de trabalho ou de lazer. O papel do Meridiano de Greenwich¹³, estabelecido convencionalmente em 1884 para o estabelecimento de um padrão mundial para as horas, merece uma discussão posterior.

Cabe, neste momento de considerações finais deste artigo, um convite para a análise deste universo de possibilidades positivas e negativas e a escolha dos elementos desta nova ordem econômica mundial que possibilitem aos indivíduos o acesso às novas tecnologias, mas também o acesso à capacitação destes, conduzindo-os para uma reflexão crítica sobre o tempo. Aos educadores da Comunicação Social, estende-se o convite-desafio de fornecer aos novos acadêmicos e pesquisadores desta sociedade tecnológica global a capacidade de compreensão, do direito de escolha e da utilização das inovações da informática e dos

¹³ É o principal meridiano do globo terrestre e serve de referência para o estabelecimento dos fusos horários.

recursos atuais da mídia, para possibilitar novas perspectivas de futuro e de mais oportunidades de ação.

A globalização e a tecnologia podem se constituir em um fenômeno positivo, desde que haja conciliação de todos os interesses envolvidos, econômicos e culturais, que promovam concomitantemente o avanço empresarial e o desenvolvimento social, desde que se definam em um modelo pautado não apenas no capital, mas, sobretudo, no homem e no conhecimento de suas potencialidades e limites, destacando o respeito à diferença e à diversidade humana, em detrimento da uniformização econômica.

A hipercultura e o bios-midiático constituem conceitos importantes ao refletirmos sobre o ambiente e os indivíduos, e merecem atenção especial no papel que as novas tecnologias estão desempenhando no século XXI. Moraes Júnior (2007), tratando da força da mídia e dos desafios que a Comunicação Social possui diante de si, diz que:

Na sociedade hiperculturalizada e bios-midiatizada, determinada pela ação das novas tecnologias, a informação social, antes de ser percebida pelo público como instrumento de diálogo, capaz de gerar debate e discussão, é vista como reprodutora dos consensos sociais (MORAES JÚNIOR, 2007, p. 10).

O domínio da natureza e o encurtamento das distâncias impulsionam a sociedade a mover-se rumo a um ideal de progresso e desenvolvimento que não conhece intervalos ou limites. Os avanços das tecnologias na área das interações humanas apresentam novidades a cada momento e o pensamento de estar na contramão desse turbilhão de informações é inconcebível: é impossível dissociar da tessitura do mundo cosmopolita moderno a velocidade das imagens e dos sons. Devemos entender a informação social como reprodutora de consensos e geradora de um padrão de normalidade que compõe o mundo e suas práticas sociais ou como um agente de transformação? Do vapor ao mundo digital, assistimos a uma sequência de revoluções e mudanças. O imperativo persiste e é assertivo: “navegar é preciso¹⁴”. Resta-nos saber para onde e em qual velocidade.

Como administramos esta estranha normalidade, tão estranha que não é reconhecida como estranha? Como continuamos vivendo tanto de nossas vidas com ela, em torno dela e apesar dela? Pois quase ninguém do mundo cosmopolita, conectado, entupido de imagens, com trilha sonora, voltado à

¹⁴ Frase imortalizada pelo poeta português Fernando Pessoa.

rapidez, tem o luxo de viver como se as mídias ilimitadas não estivessem passando às pressas. A única opção é navegar. Afunde ou nade (GITLIN, 2003, p.161).

Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BERTMAN, Stephen. **Hipercultura**: o preço da pressa. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. 2.ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2006.

CARROLL, Lewis. **Alice's adventures in wonderland**. 1897. Disponível em: <<http://www.feedbooks.com>>. Acesso em: 20 set. 2015.

ÉPOCA. **Especial Tecnologia**. São Paulo: Ed. Globo. Edição Especial nº 528. 30 jun. 2008.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limites**: Como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 19.ed. Loyola: São Paulo, 2010.

HOPKINS, Claude. **A ciência da propaganda**. 3.ed. Cultrix: São Paulo, 1966.

MALHO, O. Edição nº 83, 03 jan. 1935. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=83&ano=1935>>. Acesso em: 25 jul.2015.

MORAES JÚNIOR, Enio. **Comunicação Integrada**. Apostila do curso de pós-graduação em Comunicação Empresarial da Fundação Educacional Jayme de Altavila do Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC. Maceió, 2007.

NOTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 2008.



PEIRCE, Charles. Collected papers. In: NOTH, Winfried. **Panorama da Semiótica:** de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos:** como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho:** Uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.